

PONTO DE VISTA

Fazer cantar a juventude: a experiência do Coral da Universidade Federal de Uberlândia

Making the youth sing: the experience from the Federal University of Uberlandia Choir

Neste universo em que o homem se tornou escravo da máquina, questiono-me: que significado tem continuar a fazer cantar esta juventude (de 14 a 22 anos), na sua maioria, que não lê música? Questionamento que se estende há quase 40 anos! O que me leva a recomeçar? O grupo sempre heterogêneo! Uns com mais garra, outros com mais talento musical ou cênico, algumas vezes privilegiadas. Estou ciente de que dou o meu máximo para conduzi-los aos objetivos que almejo como regente: o domínio das obras musicais com o mínimo de erro e o máximo de beleza!

Edmar Ferretti
Regente do Coral da UFU

O que seria um coral comunitário, de extensão e ligado a uma Instituição Federal, neste caso, a Universidade Federal de Uberlândia, – o nosso Coral da UFU? Constitui-se de indivíduos que têm musicalidade, cantam, com vozes que se enquadram nas extensões exigidas para a formação de um coral: baixos, tenores, contraltos, sopranos e amam cantar. Obrigam-se a adquirir conhecimentos de técnica vocal cantada e de leitura musical, para preparar e executar as obras musicais que venham a compor o repertório que os distinguirá. Exercitarão a disciplina do conviver e do adaptar sua voz cantada à voz do outro, ou outra. Serão orientados a partilhar e compartilhar experiências, enfim, tornar possível a produção artístico-vocal, cantando em grupo e comportando-se eticamente. A Instituição apoiará cedendo local de ensaios, passes, cópias xérox, ou a aquisição de edições originais e, quando possível, verbas para montagens de obras líricas, viagens para participarem de encontros corais e algum esporádico e ansiado cachê.

Na minha concepção, a técnica vocal cantada compõe-se de duas fases: aquecimento e desenvolvimento. O aquecimento, geralmente, tem duração de, no máximo, quinze minutos. É iniciado com exercícios que conduzam os coralistas a sentir a adução e a abdução das pregas vocais:

No caso dos adutores, a simples contração e relaxamento do esfíncter glótico, por meio da realização de força física sem emissão vocal seria uma excelente alternativa. Por exemplo, sentado em uma cadeira, puxar seu assento para cima com o esforço das mãos. A realização deste procedimento concomitantemente ao abaixamento da laringe por atividade do músculo ET (esternotireóideo) de forma predominante fortaleceria os músculos adutores das pregas vocais (aumento da carga) sem sobrecarregar a musculatura cervical. No caso dos abdutores, inspirações extremas (causando abdução glótica extrema) repetidamente também estimulariam sua atividade e força. (BEFILLOPES; FERREIRA, 2005).

Seriam cinco inspirações profundas, sugando o ar, com a boca semiaberta. Além delas, são realizados, também na fase de aquecimento, exercícios respiratórios. Conheço e pratico o método de Psicocalistenia, *Arica Psychocalisytbenics Exercises*, que em português seriam exercícios musculares bonitos, harmoniosos, que atuam sobre o psíquico acalmando e conferindo bem-estar. Considero-o muito importante no desenvolvimento da evolução de exercícios corporais coordenados à respiração. Exige o equilíbrio absoluto do corpo, por meio de medidas, variáveis segundo as características das evoluções, pela(s) unidade(s) de afastamento dos pés, tendo como medida a linha que passa na raiz dos dedos (parte mais larga dos pés). Seleciono cinco evoluções de cabeça e pescoço e mais o exercício de integração. Iniciam-se com a largura de duas aberturas.

Os vocalizos ou vocalises da primeira fase têm que ser confortáveis, iniciando-se na região cômoda a todas as vozes e, cuidadosamente, devem estender-se às particularidades dos quatro grupos básicos, chamados naipes, que constituem um Coral: vozes masculinas: baixos (vozes mais graves) e tenores (vozes mais agudas); e vozes femininas: contraltos (vozes mais graves) e sopranos (vozes mais agudas).

Temos, também, pelas características das vozes e maior complexidade de obras de nosso repertório: barítonos, vozes masculinas (timbre

situado entre baixo e tenor); e meio-sopranos, vozes femininas (timbre situado entre o contralto e o soprano).

Na segunda fase, caracterizada como desenvolvimento, os vocalises ou vocalizos terão como objetivo ampliar a extensão de cada naipe, buscando o virtuosismo das vozes e enriquecendo a técnica vocal cantada.

Essas duas fases absorvem uns 30 minutos e ajudam-me a conduzir os coralistas a um clima de aproximação que os predispõe à leitura da obra em estudo. O mínimo de distanciamento de minha parte já os leva à dispersão. Constatado que, às vezes, os estados de espírito tornam-se muito tensos. Dependendo da pessoa, qualquer incidente – um livro que caia, um erro de execução que se destaque, o tropeço de alguém em uma cadeira etc. – provoca riso. Chega, dependendo do momento, a tal contensão e contágio de muitos elementos que libero o que chamo de “laboratório de riso” e dá-se a explosão do excesso de energia acumulada, característica, também, da extraordinária força energética da juventude.

Costumo dizer que a juventude me extasia e, às vezes, cansa-me, tamanha é a ebulição que os jovens provocam! A canalização desta energia para o trabalho artístico-musical exige muita perícia de quem o conduz! Eis senão quando, defronto-me com um rosto luminoso exclamando:

Estou tão feliz de integrar este Coral!
Sempre quis realizar um cuidadoso
preparo musical e apresentar-me em
público cantando, conscientemente,
obras de valor, como, por exemplo,
o Requiem, de Mozart, as obras que
compõem o repertório do Coral da
UFU: óperas, missas, cantatas, canções
populares de excelentes arranjadores
brasileiros, e, agora, este lindo recital de
músicas de Natal. Sinto-me satisfeito, as
atividades desenvolvidas vêm ao encontro
de minhas aspirações...

Outras vezes, ouço Joel Teixeira dizer: “Desde que integrei o Coral da UFU, dispensei a ingestão de remédios para enxaqueca e passo muito

bem”. Joel, o único que me acompanha desde 1982, a quem chamo de “meu mascote”, é uma das maiores musicalidades que conheço! Autodidata, aprendeu a tocar violão e violino sozinho, e domina um imenso repertório de música popular. É uma figuraça!

Passando distraída por uma rua, deparo-me com ex-integrantes que citam obras ouvidas em rádio ou em algum canal de televisão e demonstram segurança quando as situam, por as terem cantado quando integraram o elenco do Coral da UFU, em montagens que já levamos à cena. As mais comuns são: o *Intermezzo*, da ópera *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni, o *Va pensiero*, da ópera *Nabucco*, de Verdi, e a sempre cantada *Aleluia*, do *Messias* de Haendel, entre outras.

Devo mencionar, também, artistas que, com paixão, cantaram, atuaram, regeram, tocaram piano e órgão, criaram cenários e figurinos para os espetáculos líricos ou cênico-musicais do Coral da UFU, levados ao público de Uberlândia, Uberaba, Goiânia, Bebedouro, Araguari, Araxá, Rio de Janeiro, São Paulo e outros centros, e que hoje desenvolvem notáveis carreiras nacionais e internacionais.

O que se passa com as vozes que se exercitam no Coral? Observa-se que a extensão se enriquece, o timbre torna-se mais límpido, com menos vazamentos de ar, a voz cantada adquire maior volume, entre outros benefícios. O cantor, com o decorrer dos ensaios, torna-se mais ágil na leitura musical, com o ouvido cada vez mais apurado, o senso rítmico mais preciso, enfim, com uma sensível melhora de sua acuidade musical. Também o contato com outros idiomas o torna mais consciente dos fonemas que ouve, em músicas divulgadas na mídia, possibilitando-lhes um desfrute mais prazeroso.

A prática coral contribui para desenvolver uma disciplina de estudo que possibilita a aprendizagem rápida, e de cor, da parte coral de uma composição lírica e contribui, também, para a descoberta do equilíbrio da voz cantada e sua adequação aos diferentes timbres, na busca de um amálgama vocal e artístico.

Houve, no decorrer de todos esses 40 anos, as mais diversificadas reações sociais e psicológicas, que percorrem desde a incapacidade de falar em sala, de rubor intenso e embargo da voz, quando interpelados; incomunicabilidade manifestada por silêncio, nos primeiros meses, somente cantando muito baixinho; isolamento

das confraternizações de início e finais de ensaios, enfim, grande dificuldade de relacionamento. Aos poucos, as aproximações vão se dando. Com grande dificuldade, iniciam diálogos. Em poucos meses, a transformação é visível. Começam a sorrir, as vozes tornam-se mais sonoras, as fisionomias mais luminosas e o círculo de amigos inicia-se e vai se ampliando.

São muitos os depoimentos sobre o grande significado que teve o Coral em suas vidas pessoais, em seus relacionamentos de trabalho. Tornam-se mais seguros no enfrentar a vida, mais lúcidos sobre o que querem, sabendo escolher com mais coragem e deliberação, caminhos para a felicidade almejada.

Fazer tanger nossas cordas vocais, acionando esta preciosa máquina humana constituída de corpo, mente, espírito, conduzindo e efetivando a execução de textos musicados, emocionando as pessoas que nos ouvem. O conhecimento e a aplicação de regras para, nas interpretações, adequar os estilos às obras. O que é a máquina sem o comando humano? Que emoção transmite? A emoção é que toca! Essência nossa, do ser humano.

Estas constatações, das muitas mais, destes meus 37 anos à frente do Coral da UFU, convencem-me de que vale a pena continuar. Justificam-se. São elas a realidade do que resulta o exercício idealista, de anos dedicados à arte do canto em conjunto!

REFERÊNCIAS

FERREIRA, L.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2005.